



Jornalismo, democracia e as redes sociais na Internet: twitter uma possibilidade para uma formação de uma esfera pública

Frennytam Mota¹

Raphael Marinho de Carvalho²

Universidade da Amazônia, Belém- Pa

Resumo

Esse artigo tem como objetivo mostrar as redes sociais na Internet, mas especificamente o Twitter, como possibilidade de formação de uma esfera pública. Com esse propósito, delimitamos os principais pontos das redes sociais na internet, a fim de perceber seu funcionamento e capacidade de tornar público os temas pertinentes ao cidadão. A tradução literária da obra de Habermas traz o termo publicidade, ao invés de esfera pública, que relaciona o tornar público às problemáticas sociais. As ferramentas de interação na internet conectam o mundo em tempo real, onde basta o acesso à rede para se conectar com o mundo, entretanto, essa conectividade e velocidade gera uma confusão do que é privado para o que é público, visto que não há homogeneidade intelectual dentro da rede.

Palavras-chave

Jornalismo e democracia; Esfera Pública; Redes Sociais; Twitter; Jornalismo público.

Introdução

Hoje são diversas as redes sociais na Internet, com as mais diversas áreas de interesse. Essas redes têm mudado a forma de viver do homem em vários aspectos, onde suas identidades são transportadas ao *World Wide Web* (Rede que cobre o mundo), assim como suas opiniões políticas, interesses e gostos pessoais.

A esfera pública idealizada por Habermas afirmava que por meio do debate democrático, a sociedade civil organizada defenderia seus direitos a fim de alcançar melhoria sociais.

Nesse trabalho propomos a possibilidade que o Twitter fornece para as pessoas, que tem acesso a ele, um espaço de visibilidade e publicidade. Todos os integrantes do

¹ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade da Amazônia, email: raphael.mcm@gmail.com

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade da Amazônia, email: frenny_mota@yahoo.com.br

Ms. Vânia Torres. Orientadora do trabalho . Professora do Curso de Jornalismo da Universidade da Amazônia, email: vaniatorres@unama.br



dessa ferramenta de interação social, possuem a infinita possibilidade de tornar público seus interesses pessoais e públicos.

1. Históricos do paradigma das redes sociais.

Os estudos das redes sociais, não começaram com a internet. Os primeiros trabalhos que as definem foram do matemático Ëuler, suas pesquisas tinham por finalidade resolver os problemas da sua cidade, Königsberg na Prússia, por volta do século XVIII. O problema consistia atravessar sete pontes que conectavam as cidades sem passar duas vezes pela mesma ponte. Raquel Recueiro mostra que para Euler “ isso não poderia ser feito através de um teorema em que tratava as pontes como arestas e os lugares que deveriam ser conectados como nós” (RECUEIRO, p.2, 2005). Dessa forma o teórico define, então, a teoria dos grafos.

Apesar do caráter matemático os estudos de Ëuler foram fundamentais, pois com base na teoria dos grafos, Degenne e Forsé em 1999, fizeram a relação entre as redes de Ëuler com a sociedade, dando início aos estudos das redes sociais. Chamada por Análise estrutural, vários outros trabalhos foram feitos em torno desta temática, mas em 2009, Garton reflete sobre tais redes sociais, sobre o novo meio que ganha força nos dias atuais, a internet, Garton define tais redes sociais como:

Quando uma rede de computadores conecta pessoas ou organizações, é uma rede social. Assim como uma rede de computadores é um conjunto de máquinas ligadas por um conjunto de cabos, uma rede social é um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por um conjunto de relações sociais, como amizade, cooperação de trabalho ou de informações troca.³
(GARTON, 2009, p.4)

A partir dessa teoria surgem diversos modelos de aplicação, onde cada uma propõe o funcionamento dessa interação direta e indireta, Recueiro (2009, p.20) utiliza uma metáfora para exemplificar “Um conglomerado de rotas de vôo e seus respectivos aeroportos, por exemplo, pode ser representado como um grafo”.

Ao estudar essas novas formas de interação social e com base na teoria de Garton, são destacáveis mais três modelos de aplicação dessa Teoria que foram descritos em vários outros momentos históricos, são eles:

a) Modelo de Redes aleatórias: É descrito principalmente nos estudos de Paul Erdős e Alfred Rényi. O trabalho deles traz o conceito de *clusters* que designa uma

³“When a computer network connects people or organizations, it is a social network. Just as a computer network is a set of machines connected by a set of cables, a social network is a set of people (or organizations or other social entities) connected by a set of social relationships, such as friendship, co-working or information exchange.” (Tradução dos autores)



pessoa, ou um nó da rede, que consegue fazer um grande número de interações. RECUERO (2005, p.5) mostra a teoria com o exemplo de uma comemoração que “basta uma conexão entre casa um dos convidados de uma festa, para que todos estivessem conectados ao final dela”.

b) Modelo de Mundos pequenos: O sociólogo Stanley Milgram, na década de 60, faz um experimento que levou a definição do modelo de mundos pequenos, Raquel Recuero descreve:

Ele enviou uma determinada quantidade de cartas a vários indivíduos, de forma aleatória, solicitando que tentassem enviar a um alvo específico. Caso não conhecessem o alvo, as pessoas eram solicitadas então, a enviar as cartas que chegaram a seu destinatário final, a maioria havia passado apenas por um pequeno número de pessoas. Isso indicaria que as pessoas estariam efetivamente, a poucos graus de separação umas das outras. Isso indicaria que estaríamos, efetivamente, vivendo em um “mundo pequeno” (RECUERO, 2005, p.17)

c) O modelo das redes sem escalas: Em 2003 Barabási mostra que há uma ordem que rege as redes e elas não são formadas de modo aleatório, mas sim leis específicas que a ordenam. A principal lei descrita por ele foi a *Rich get richer* (ricos ficam mais ricos), essa lei descreve que quantos mais conexões um nó possui, mais conexões esse nó atrairá, ou seja, um pessoas (nó) que possui mais “amigos” (conexões) em um site de relacionamento (rede social na internet), tende a ser cada vez mais popular, essas pessoas são por ele chamadas de *hubs*. Com alguns desses *hubs* qualquer rede ficaria sem escalas, assim ilimitada.

2. Componentes das redes:

Ao entender como funcionam esses três modelos e como chegamos até eles, ficam claras as possibilidades de uma rede social na internet. No entanto precisamos compreender metodologicamente os componentes dessas estruturas:

a) Atores:

São os atores das redes sociais na internet aquelas pessoas que atuam e constroem a rede, dessa forma Recuero definiu como “os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (2005, p.25), portanto podemos definir os atores como, os principais de desse processo, visto que eles constituem as redes e representam os nós (ou nodos) desta rede.

Primeiramente em uma comunicação mediada por computadores (CMC), entendemos que não são os atores em si, mas suas representações nesse novo meio, que



constituem essas redes, visto que, as pessoas acabam por se projetar, nos perfis do *facebook*, *Orkut*, *fotolog*, *weblog* e outras ferramentas que a internet dispõe. Portanto podemos dizer que essas ferramentas são espelho da personalidade do indivíduo, ou seja, quando adicionamos uma comunidade no *Orkut*, estamos expressando de uma forma a nossa personalidade.

Nesse novo mundo que a internet proporciona, podemos perceber que assim como no cotidiano não midiático, o ator social adquirir espaço e assim pode definir, nas redes sociais, suas crenças e sensibilizar para as causas que acredita.

As ferramentas de relacionamento na internet relativizam o espaço de tal forma que qualquer pessoa, pode entrar em contato, com qualquer pessoa de qualquer parte do mundo. Esse contato entre as pessoas se dá a partir da empatia causada pelas outras pessoas, Recuero diz que “é preciso ser ‘visto’ para existir no ciberespaço” (p.27, 2005), ou seja, é necessário adquirir visibilidade nesse novo espaço de convívio. Podemos destacar como exemplo o Twitter, terá mais seguidores a partir do momento em que ele se tornar visível.

b) Conexões:

Se considerarmos os atores como os principais nessa nova forma de se relacionar, as conexões feitas por esses atores são fundamentais para a formação das redes, ou seja, a relação pela qual as pessoas interagem a fim de relacionar-se por quaisquer motivos, essas relações são especiais na internet, pois, são mais fáceis de serem percebidas nos *blogs*, *weblogs*, *twitter* e outros que dão aos pesquisadores uma possibilidade maior de análise, visto que, muitos desses sites arquivam as interações e postagens feitas pelos atores que participam destas comunidades virtuais, mesmo que, essas relações não respeitem o tempo e o espaço.

b.1) Interação, relação e Laços sociais:

Para definir as conexões e delimitar os espaços de conexão é necessário compreendermos, inicialmente, a interação, as relações e os laços sociais como elementos destas conexões.

As interações são o que Recuero define como “matéria prima das relações e dos laços sociais” (2005, p.30). Essa matéria prima é fundamental para os estudos destas redes e podem ser percebidas não somente no momento em que estão sendo realizadas, pois muitos sites de relacionamento disponibilizam esses momentos de interação. A relativização do tempo e do espaço nas novas mídias dá origem a duas modalidades de interação, que Alex Primo descreve como interação mútua e a interação reativa.



A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (Primo, p.62, 2007)

O que Primo defini aqui são duas possibilidades de interação, pode-se exemplificar como os hyperlinks que caracterizam uma interação reativa, visto que para uma pessoa interagir com o caminho proposto pelo *link* é necessário somente a reação de clicar, ou seja, uma simples reação. Já uma interação mútua requer participação de todas as partes envolvidas, assim, podemos exemplificar o *blog* que na sua constituição se trata de uma interação argumentativa do proprietário do site e das pessoas que comentam, essa interação é fundamental, porque por meio dela são mantidas as relações da internet.

Esses conjuntos de interações que acontecem em todo o tempo na internet e em todos os níveis de profundidade, são a base nesse processo de construção das redes sociais. No entanto, o que mantém essas relações são as trocas de conteúdos, experiências e conhecimentos, ou seja, capital social.

c) Capital social:

São diversas as definições para o termo capital social, pela sua complexa estrutura podemos destacar autores que tem bases teóricas distintas a cerca do assunto, entretanto, Recuero condensa os principais autores de forma bem aplicável às redes sociais na internet:

A partir da discussão sobre o conceito, consideremos o capital social como um *conjunto de recursos* de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001). (Recuero, 2009, p.50)

O que nos permite pensar no estudo dos conteúdos destas relações, ou seja, esse modo de interação o que vale é conteúdo das trocas feitas no meio social de interação. Dessa forma e com essa complexidade como podemos identificar esse elemento dentro das redes sociais, para tal tarefa, utilizaremos a classificação sistematizada por Recuero, com base na classificação construída por Bertolini e Bravo, que em 2001, explicam que as redes sociais são heterogêneas e, portanto são elaboradas categorias e sobre as quais alguns aspectos podem ser encontrados o capital social.

Essas categorias podem ser determinadas podem ser compreendidas como os recursos que os indivíduos têm acesso através da rede e



seriam: a) *relacional*: que compreenderia a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos de uma determinada rede; b) *normativo*: que compreenderia as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; c) *cognitivo*: que compreenderia a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; d) *confiança no ambiente social*: que compreenderia a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e) *institucional*: que incluiria as instituições formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto. (Recuero, 2009, p. 51)

Dessa forma podemos compreender que os indivíduos dessas redes sociais, são fundamentais para as redes, visto que são eles que fiscalizam, constroem e auto-regulam essas ferramentas na internet. Toda ferramenta de interação na Internet tem mecanismo de controle, porém, na maioria das vezes são os usuários que mantêm essa fiscalização ativa, o Orkut pode ser um bom exemplo dessa auto-regulamentação, por exemplo, ao encontrar um perfil que aborde explicitamente a pedofilia, podemos simplesmente não adicionar esse perfil, ou denunciá-lo, o que leva a exclusão.

Nesse “item” das redes sociais que acontece as principais transformações, visto que, nele que é definimos quem são os perfis que compõem as redes, ou seja, em uma interação qualquer podemos “avaliar” o conteúdo de troca a partir desse divisão do redes sociais.

3. O que é o Twitter?

Fundado em 2006 por Jack Dorsey o Twitter foi denominado como um serviço de microblogging. No início o site saudava os usuário com a pergunta “What are you doing” com o objetivo de que seus usuários colocassem no meio virtual o que estavam fazendo em um espaço de 140 caracteres, daí a relação com a os blogs, já que inicialmente os blogs eram vistos como “diários online”, hoje a nova pagina propõe outra pergunta “What happening” que sugere ao internauta socializar o que está acontecendo.

Esse site de relacionamento é uma simples estrutura onde cada um pode escolher quem seguir e seguir diversas pessoas. Ao responder a pergunta inicial o usuário expõe em seu Tweets (postagens de cada usuário) todas as pessoas que o seguem verão. Cada pessoas cria um perfil no qual seu nome é posto após um @, por exemplo, @mariocamarao e @christofoletti outra possibilidade são os perfis de que levantam questões de interesse público como @Twiticos e @belemtransito.



Alguns perfis como o @twiticos e @belemtransito trazem aos seus seguidores espaços de debate e publicidade. O @belemtransito já se tornou referencia para muitas pessoas, alguns já procuram saber como está a trafegabilidade nas vias de Belém, recentemente o dono do perfil, foi levado até o presidente da Companhia de Transporte de Belém (CTEBEL), pela grande repercussão das denuncia feitas ou apenas divulgadas por esse perfil.

4. Denuncias pelo Twitter

No Twitter qualquer pessoa pode ser seguidor ou seguir qualquer um. Um simples Tweet pode alcançar um número sem precedente de usuários, atualmente existe a uma nova ferramenta o *Retweet* que funciona quando uma pessoa qualquer envia aos seus seguidores uma postagem não feita por ela, antes da criação dessa ferramenta os usuários copiavam e colavam colocando um RT na frente do nome da pessoa.



Essa possibilidade de *retweetar*, fornece a qualquer um dos seus usuários uma capacidade ilimitada de expor suas idéias, para isso sua informação a ser twitada deve ser de interesse em público para que outras pessoas tenham vontade de retwittar. Essa facilidade de visibilidade pode se encaixar em conceitos de esfera pública, Borges diz que “esfera pública é uma idéia que envolve as instituições sociais e a imprensa, numa relação dialética de legitimação e visibilidade” (BORGES, 2006, p.3).

Portanto segundo a perspectiva de Borges a relação que a imprensa tem com o ideal de esfera pública é de a partir de um assunto que ganhe visibilidade por qualquer



que seja o meio, mesmo que seja ela própria, seja investigado e assim estabeleçam as relações necessárias para garantir os direitos dos cidadãos.

Um recente caso que ganhou visibilidade de nível nacional é o do twitter @bocadesabao, esse perfil faz denúncias sobre irregularidades e corrupção da Polícia Militar de São Paulo. A matéria teve repercussão em vários jornais do Brasil inclusive o jornal O Liberal que publicou no caderno polícia do dia 30 de novembro de 2009-12-09.

5. Jornalismo e democracia

Jornalismo e democracia são conceitos indissociáveis, não há um sem o outro. Nessa perspectiva surge a necessidade de compreender como podemos aprimorar os dispositivos do jornalismo para promover, uma sociedade mais democrática. Nos artigos 27 e 28, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), diz que todos têm direito de participar livremente da vida da comunidade, na qual, todos são livres para o desenvolvimento de sua personalidade. No Brasil a Constituição Federal (CF) de 1988, que nos dá o direito à informação (Art. 5º, inciso XIV), ou seja, todos os cidadãos brasileiros devem ter acesso às informações da vida pública.

Esses dois artigos da DUDH e CF são dois dos direitos fundamentais do cidadão na democracia, pois sem informação ele não pode participar da vida pública. Na relação entre os esses dois direito esta a mídia e o jornalismo, que desempenham junto à sociedade o papel de informador, já que as pessoas consomem televisão, rádio, jornal impresso e internet em busca de informação.

5.1 Demanda da Sociedade e a esfera pública: o que é interesse público?

Há uma tênue linha que separa as definições de demanda social e interesse público. Dentro da academia nós jornalistas, aprendemos a conduzir nossas pautas⁴ e matérias para assuntos que são interesse público, no entanto, quando entramos nas redações e temos os primeiros contatos com o mundo profissional, outra instrução nos é dada, nossa produção é direcionada de acordo com as demandas da sociedade, normalmente direcionadas e medidas com pesquisas de audiências. Nesse aspecto entram alguns dos grandes dilemas do jornalismo, que mantêm seu sustento, por meio de anunciantes, que por sua vez só contratam as mídias com mais audiência.

Partindo dessa discussão Luiz Silva (2006) define interesse público, com o intuito de dialoga o conceito com a práxis do jornalismo. Para ele então os temas de

⁴Definição do Dicionário de Comunicação: “Agenda ou roteiro dos principais assuntos a serem noticiados em uma edição de jornal ou revista, programa de rádio ou TV etc. Súmula das matérias a serem feitas em determinada edição” (BARBOSA, G.; RABAÇA, C., 2001, p.556).



interesse público são os assuntos que estão dentro do espaço público, que envolvem todos os cidadãos de uma sociedade, país, estado cidade ou grupo social, Silva ressalta também, que normalmente esses assuntos estão relacionados ao dinheiro público ou ações governamentais que envolvem de alguma forma toda a sociedade.

Em termos de interesse público, talvez o pressuposto básico seja o seguinte: onde há dinheiro público, há interesse público e deve haver transparência em torno de: a) informação sobre a alocação do dinheiro público; b) como o dinheiro público foi gasto; c) quais os resultados obtidos com o dinheiro público. Nem só de dinheiro, porém, vive a vida pública, mas, sobretudo da publicidade em torno das ações que afetam a vida pública. (SILVA, 2006, p.2)

Silva mostra o que pode ser considerado público. No entanto, aqui ele nos traz outro termo bastante importante, “vida pública”. Para compreendermos esse conceito, torna-se importante perceber o que é público, Jürgen Habermas, traz esse conceito aplicado a outros termos, que também fazem parte da estrutura de esfera pública.

Chamamos de “públicos” certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas. São acessíveis a qualquer um - assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas. (...) O estado é o “poder público”. Ele é atributo de ser público à sua tarefa de promover o bem público, o bem comum a todos os cidadãos. (HARBERMAS, 2003, p.14)

Podemos então, a partir desses conceitos delimitar o que realmente é interesse público. Podemos, portanto assim dizer que interesse público são todas as questões que estão dentro do alcance de todos os cidadãos e estão relacionadas com a vida pública e procuram trazer um bem comum.

Já que o interesse público é algo que deve ser de acesso de todos, então é necessário tornar público todas as questões que envolvem esse interesse. Nesse aspecto a mídia, principalmente as de massas, tem uma fundamental importância, pois é por meio delas que o os cidadão podem se tornar informados e atuar naquilo que Habermas define com “esfera pública”. Para ele esse “espaço” que constitui a esfera pública, é onde os cidadãos munidos de informações, experiências pessoais e opiniões podem debater os assuntos de interesse público. Esse ponto dos estudos de Habermas mostra o conceito de esfera pública sendo transformado pela presença da mídia de massa.

Essa ação de debater é uma das bases dos direitos humanos, visto que, todos, segundo a DUDH, têm direito em participar e opinar nas questões pertinente a vida pública. Luis Signates resume a função da esfera pública de Habermas como:

Uma categoria ideal-típica localizada na história e caracterizada pela reunião de pessoas privadas que, por meio da discussão argumentativa, assumem posturas públicas, inspiradas no interesse



coletivo e críticas em relação às esferas do poder. (SIGNATES, 2001, p,2)

A obra de Habermas, de 1961, “Mudança estrutural na esfera pública”, mostra que há um processo de remanejamento do espaço de discussão. Para ele, os meios de comunicação de massa, começavam a assumir o papel de espaço para a formação da esfera pública. Anteriormente a consolidação da imprensa, Habermas mostra a esfera pública como cafés, universidades e salões da sociedade burguesa da França, Inglaterra e Alemanha, então é a partir do fortalecimento e aperfeiçoamento do jornalismo que Habermas mostra a imprensa como “instituição por excelência” da esfera pública.

5.2 O jornalismo e a democracia

Muito se fala sobre a real importância do jornalismo para a sociedade e qual é o alcance do discurso dos meios de comunicação. Ao longo dos anos foi caracterizado como “função” do jornalista a obrigação de levar o público à informação, para que o cidadão informado tivesse como reivindicar seus direitos. Esse caráter de fornecedor de ferramentas para a mobilização da sociedade surge com os primeiros jornais.

O jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie (MARCONDES, p.9, 2002)

Algumas dessas características foram se perdendo ao longo dos anos devido a diversos fatores. MARCONDES arroga essa decadência das atribuições do jornalismo à decadência do modelo de democracia e ao fascínio das imagens na televisão e a “sedução midiática irracional” (p.9) ⁵.

O declínio da modernidade descrita por Marcondes é atribuído, principalmente, a mudança de compreensão do que é identidade. Stuart Hall, ao estudar essa mudança na compreensão do que é identidade, afirma não poder delimitar e fazer julgamentos do que é o conceito de identidade:

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. (HALL, 2003, p.8)

Então para a compreensão deste termo, Hall divide metodologicamente a identidade na história, distinguindo em três concepções de identidade cultural: Sujeito do iluminismo; sujeito sociológico; e sujeito pós-moderno:

⁵ MARCONDES, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.



O Sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência de ação. (...) O Sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente. (...) o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (HALL, 2003 p. 10-12)

Tal como o sujeito moderno mudou, o jornalismo da mesma forma tem adaptado seus processos de produção, essa “decadência da modernidade” descrita por Hall pode ser relacionada também a decadência das funções originais do jornalismo e o seu comprometimento com a democracia, visto que a notícia- produto principal do jornalismo- assim como os outros gêneros jornalísticos são uma construção que refletem a sociedade a partir da ótica dos profissionais, Jorge Souza mostra define o que é notícia:

Pode dizerse que uma notícia é um artefacto lingüístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia. (SOUZA, p.3) ⁶

Dessa forma compreendemos que ao longo da história da humanidade o jornalismo tem mudado de função. Na mesma medida que a cultura para o homem muda. Relações capitalistas tornam cada dia mais os jornais obrigados a quesito venda e patrocínio, para sustento das redações.

Essa mudança que gradativamente chega as mão do consumidor de notícia como notícia, no entanto o produtor desse artefato é o jornalista que sofre varias influência do meio de produção. Pierre Bourdieu descreve como principal fator dessa mudança o que ele chama de “censura invisível”, onde fatores econômicos, políticos e pessoais acabam por influenciar na produção jornalística.

Dessa censura que se exerce sobre os convidados, mas também sobre os jornalistas que contribuem para a existência, espera-se que eu diga que é política. É verdade que intervenções políticas, um controle político (que exerce sobretudo através das nomeações para os postos dirigentes); é verdade também que – particularmente em um período no qual, como hoje, há um exercito de reserva e uma enorme precariedade de emprego nas profissões da televisão e rádio – a propensão ao conformismo político é maior. As pessoas se conformam

⁶ SOUSA, Jorge. **Porque as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. BOCC. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>> acessado em: 25 de mar. 2010.



por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção. (BOURDIEU, 1997, p.19)

Os jornais, em quanto empresa, tem a preocupação em vender, então acabam muitas vezes por transformar, amenizar e mascarar a “realidade” que deveria ser o mais clara possível na notícia, dessa forma, as capas, subtítulos, manchetes, chamadas e outros artifícios de edição transferem a atenção do leitor, isso em decorrência do número de patrocinadores e anunciante.

A notícia, como mercadoria, vai recebendo cada vez mais investimento para melhorar sua aparência e sua vendabilidade (...). Aumenta o volume publicitário e enfraquece-se a posição dos editores e redatores. O redator perde sua autonomia e o tratamento e a elaboração de notícias se sobrepõe a “linha editorial” (MARCONDES, 2002, p. 24)

Portanto se o papel do jornalismo, como dito anteriormente, é informar o cidadão os fatos, aproximando suas matérias, reportagem e notícias o máximo da realidade. Essa aproximação dos fatos e os cidadão da a possibilidade para cada individuo de uma sociedade tenha capacidade de compreender seus direitos e deveres, SOARES (p.02, 2008) diz que “a noção de cidadania contemporânea implica que os cidadãos têm certos direitos, começando pelos políticos, como o de votar e de ser votado, que são negados ou apenas parcialmente estendidos a estrangeiros e outros não-cidadãos residentes em um país”.

Esse papel de fomentar o debate público é descrito na pesquisa de Wolton como fomentar a criação de uma esfera pública, conceito de Habermas, que fala de um “lugar” onde os cidadão constroem as opiniões públicas. Esse lugar abstrato pode ser de uma simples conversa entre amigos (esfera pública episódica) sobre determinado tema de interesse público ou eventos como fóruns, comitês, palestras e debates (esfera publica programada). Independente da forma como é acontece a esfera pública a é de fundamental importância compreender o papel do jornalismo nesse fenômeno, o de fomentar o debate, ou seja, colocar ao cidadão (leitor) ferramentas (informação) para que ele descubra os seus direitos os reivindiquem.

5.3 Jornalismo Público: o social como valor notícia

Se o principal comprometimento do jornalismo é com a democracia e com o interesse público, as questões sociais – que são de interesse público, por serem para a promoção do bem comum – devem estar centradas no discurso jornalístico. Por isso é importante perceber a construção do que é notícia e com o social é visto por esse processo.



Para compreendermos como se dá a construção do relato jornalístico, devemos perceber as teorias do jornalismo, ou seja, devemos construir “uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico” (SOUZA, p.2)⁷. Sistemáticamente o processo de produção da notícia é sintetizado da seguinte forma:

A notícia é o resultado da interação simultaneamente histórica e presente de forças de matriz pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos, tendo efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais sobre as pessoas, o que por sua vez produz efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações (SOUZA, p.10)⁸

Já que todas as forças citadas na sistematização da teoria da notícia são quesitos da força grande o suficiente para influenciar no produto jornalístico é necessário que os editores, jornalistas, produtores e demais personagens das redações compreendam qual o seu real papel dentro da democracia. Pois, o caráter principal dos meios de comunicação é, como já visto, informar e propor o debate dentro das esferas sociais, proporcionando mudanças positivas de interesse público tenham importância e relevância que lhe são devida.

Nesse contexto desenvolvem duas das principais teorias do jornalismo, na tentativa de explicar. Uma delas é o gatekeepers que consiste em mostrar os conceitos dos “selecionadores” na hierarquia de importância dentro jornais, ou seja, mostrar assuntos que envolvam os direitos humanos dentro do discurso jornalístico, é de interesse de todos, entretanto pode acontecer que Pode acontecer que “o noticiamento desejado seja reconhecido, mas ganhe o destino da cesta do lixo se algo mais importante no entender dos selecionadores [gatekeepers] vier a se sobrepor” (SILVA, 2002, p.5).

Outra das teorias que são consideradas será a do newsmaking, que leva em consideração o valor de cada notícia. JORGE sistematiza os valores notícias segundo a pesquisa de Wolf, segundo quatro níveis de relevância dentro da construção social:

1) Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; 2) Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; 3) Quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve; 4) Relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.(JORGE, 2006, p.9)

Esses são alguns dos fatores estabelecidos pela evolução histórica do jornalismo que norteiam a cobertura jornalística. Nesses níveis que já estão

⁷ SOUSA, Jorge. **Porque as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. BOCC. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>> acessado em: 25 de mar. 2010.

⁸ SOUSA, Jorge. **Porque as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. BOCC. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>> acessado em: 25 de mar. 2010.



estabelecidos dentro do discurso jornalístico, cabe a esse profissional, compreender como podem ser pautados os assuntos de cunho social. Para isso Silva mostra como os assuntos de interesse social podem ser envolvidos dentro critérios.

O emergente, constituiria propriamente esta categoria do jornalismo público, ou seja, aquele vocacionado para a mudança, para a qual a notícia e as informações que lhes são acrescidas são constitutivas de uma práxis. Dessa forma as ações sociais com vistas aos desenvolvimentos social, econômico, político, cultural e, em síntese, humano não poderiam prescindir do agendamento e do noticiamento, mas, sobretudo, do fornecimento ao público de instruções, roteiros e procedimentos acerca da responsabilidade social de todos na consecução dos meios para a resolução dos problemas representados pelos fatos e suas conseqüências. (SILVA, 2002, p.4)

Então aqui percebemos que a relação entre o papel do jornalismo e a importância do engajamento do profissional para a promoção dos direitos humanos e as causas sociais, propondo principalmente o debate dentro da sociedade para que os cidadãos informados tenham como lutar por seus direitos.

6. Conclusão

Para que haja a formação de um esfera pública são necessários vários fatores, entre eles o de democratização do acesso a informação. No Brasil, assim como no mundo o computador com acesso a internet começa a torna-se uma necessidade para as pessoas, visto que, ainda mais as redes sociais, que exercem um fascínio, pela agilidade e possibilidades de interação e troca com pessoas de qualquer parte do mundo.

Até o poder público começa a idealizar projetos de inclusão digital, ou seja, a tendência do alcance das redes sociais é aumentar. Lógico que apenas o acesso, não garante uma qualificação o debate, os governantes tem que se atentar para as questões de educação da população, hoje o brasileiro tem grande acesso em diversas redes sociais na internet, no entanto o nível de debate destes ainda é baixo quando considerado ao restante do mundo.

Se considerarmos uma sociedade que cada vez mais estará conectada ao ciberespaço, tornando este um espaço mais deliberativo onde as questões dos cidadãos são levadas cada vez mais em consideração, “esfera pública é o espaço de debate entre populações e as outras esferas da sociedade” (BORGES, p.6, 2006), ou seja, podemos ver que no Twitter @bocadesabao as denúncias tomarão uma visibilidade incrível, lógico que o fato de total sentimento de descaso do poder público para as questões de segurança pública, ajudou o nível de alcance das denúncias do desse perfil, no entanto, sem dúvidas a internet, veio contribuir como um novo meio de mobilizar os cidadão



para a defesa de suas causas, assim tornando-se uma nova possibilidade de formação de uma esfera pública.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA ESTADO. **‘Twitteiro’ acusa PM de irregularidades.** O liberal, Belém, 30 Nov. 2009. Disponível em: <<http://assinaturasoliberal.digitalpages.com.br/eds/2009/11/30/P/paginas/pdf/P6.pdf>>. Acesso em 30 de Nov. 2009.

BORGES, Beatriz. **Internet como nova esfera pública e seu espaço na sociedade contemporâneas.** Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. Disponível em: <http://www.flacsoandes.org/comunicacion/aaa/imagenes/publicaciones/pub_114.pdf>. Acesso em: 16 de Nov. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Seguindo de: A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C. e WELLMAN, B. **Studying Online Social Networks.** Journal of Computer Mediated Communication, n.3, vol. 1, 1997. Disponível em: < <http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue1/garton.html>> Acesso em: 30 de Nov. 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JORGE, Thais. **A notícia e os valores-notícia.** O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. [2006] Disponível em: < http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNirev_Jorge.pdf>. Acessado em 11 de maio de 2010.

MARCONDES, Ciro. **Comunicação e jornalismo:** a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **REDES SOCIAIS NA INTERNET: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.** Ponto de mídia, 2005. Disponível em: < <http://pontomidia.com.br/raquel/intercom2004final.pdf>> Acessado em: 25 de Nov. 2009.

SIGNATES, Luiz. **Limites e possibilidades os caminhos da comunicação social na obra de Jürgen Habermas.** Compós. 2001.

SILVA, Luiz. **Jornalismo público:** social como valor notícia. [2002] disponível em < http://www.ucb.br/comsocial/mba/jornalismo_publico_o_social_como_valor-noticia.pdf> . Acessado em 8 de maio de 2010.

SOUZA, Pedro. Por que as notícias como são? **Construindo uma teoria da notícia.** Disponível em < <http://www.scribd.com/doc/9641378/Por-que-as-noticias-como-sao-Construindo-uma-teoria-da-noticia-Jorge-Pedro-Sousa>>. Acessado em 09 de abril de 2010.